

CONTRA OS SOFISTAS

Isócrates

Tradução e notas

Carlos Monteiro Junior

Instituição: Colégio Pedro II, Rio de Janeiro
Email: carlosmont.jr@gmail.com

Renato Matoso

Instituição: PUC-Rio
Email: renatomatoso@puc-rio.br

Emerson Facão

Instituição: FAETEC - Isepam
Email: emersonfacao@hotmail.com

Contra os Sofistas¹

[1] Se todos os que pretendem educar quisessem falar a verdade e não fizessem grandes promessas, as quais não conseguem cumprir, não seriam mal falados pelos homens comuns.² Porém, agora, os que têm a grande audácia de fazer impensadas promessas, passam a impressão que os indolentes deliberam melhor do que aqueles que se dedicam à filosofia.³

Pois, quem não odiaria e desprezaria, primeiramente, os que se dedicam às disputas verbais⁴, que apesar de pretenderem buscar a verdade, já no início de seu ensino começam a falar falsidades?

[2] Penso, portanto, que é evidente para todos que não é da nossa natureza prever as coisas futuras. Estando nós muito distantes dessa sabedoria, Homero, o que tem a maior reputação de sábio, fez com que até mesmo os deuses deliberassem entre si acerca do futuro. Não que ele conhecesse o pensamento deles, apenas tinha

¹ Esse texto se insere na tradição do gênero exortativo ou protréptico, possuindo assim forte diálogo com textos de Platão, Aristóteles e Alcídamas. Segundo o próprio Isócrates, em *Antídosis* §194, este é um texto de sua juventude, que marca o início de sua carreira como educador, podendo por isso ser considerado uma espécie de projeto político e pedagógico de sua escola. O título do discurso causa, à primeira vista, estranheza, uma vez que o próprio Isócrates se considera um sofista (*Antíd.*, 217). No entanto, Isócrates claramente deseja se diferenciar da maior parte dos sofistas (cf. *Panat.*, 18) pela excelência de seu método e pela utilidade prática e moral de seus ensinamentos.

² Isócrates parte do pressuposto de que há uma imagem negativa da educação filosófica frente ao senso comum da época.

³ Já neste primeiro parágrafo percebe-se o sentido deliberativo que o termo ‘filosofia’ adquire em Isócrates. Para ele, a filosofia possui um valor sobretudo moral e pedagógico, não devendo se limitar a questões de ordem epistemológicas ou metafísica.

⁴ A primeira vertente educativa criticada por Isócrates é a erística, que por sua vez se confunde com a dialética. Figuras como Platão e Antístenes eram, provavelmente, os *adversários* aqui visados por Isócrates.

a intenção de revelar que esta capacidade é uma das coisas impossíveis para os homens.⁵

[3] Esses educadores são ainda mais audaciosos ao tentarem persuadir os jovens, dizendo que ao frequentarem suas aulas saberão agir da maneira devida, tornando-se felizes através desse conhecimento⁶. Além disso, não se envergonham de cobrar apenas 3 ou 4 minas⁷ de seus alunos, apesar de se apresentarem como autoridades e professores de bens tão valiosos.

[4] Porém, se vendessem qualquer outra coisa por um preço menor que o seu real valor, não negariam a sua falta de juízo. Contudo, mesmo honrando pouco a excelência e a felicidade, estes se consideram dignos de serem professores, por acreditarem possuir inteligência⁸. E se, por um lado, dizem que não ligam para dinheiro, chamando este de *ourinho* ou *pratinha*, por outro lado, desejando um pequeno lucro prometem tudo aos seus alunos, só não a imortalidade.

[5] O mais ridículo disso tudo é que eles, desconfiando daqueles de quem receberão e para quem pretendem transmitir a justiça, cobram adiantado dos seus alunos e ainda exigem como fiadores aqueles que não são seus alunos. Ao fazerem isso, decidem bem em relação à segurança deles próprios, porém contradizem o que anunciam.⁹

[6] Convém aos que se dedicam a um outro tipo de educação examinar detalhadamente o que lhe é devido, visto que nada impede os que são habilidosos em alguma área serem, em relação aos contratos, desonestos. Porém, como não seria incoerente afirmar que aqueles que pretendem ensinar a virtude e a temperança não confiam nos seus próprios alunos? Pois se estes são belos, bons e justos com os outros, de modo algum enganarão qualquer pessoa, principalmente os que possibilitaram eles serem quem são¹⁰.

[7] Logo, quando os homens comuns, por meio da análise de todos estes pontos, percebem que aqueles que ensinam a sabedoria e transmitem a felicidade¹¹ são carentes em muitas coisas e que cobram de seus discípulos uma pequena quantia em dinheiro, além de se preocuparem demais com as contradições nos discursos mas

⁵ Mais uma vez, percebe-se o contexto deliberativo da filosofia isocrática, apresentado neste parágrafo como um sinal de limite gerado pela indeterminação do futuro, mas que também revela uma proximidade entre os homens e os deuses. Em Homero, ver *Il.* 16.431 ss., *Il.* 16.652 ss.; *Il.* 22.168 ss.

⁶ Isócrates questiona a ideia de que haja um conhecimento objetivo, e por isso passível de transmissão, que possa garantir a obtenção de uma boa vida. Uma vez que a contingência é uma das marcas do mundo da *praxis*, da ação humana. Seu argumento parece estar baseado na ideia de que se até mesmo os deuses precisam se reunir para discutir e deliberar sobre o futuro, então a promessa de excelência e felicidade dos professores de *erística* (e dialética) é certamente falsa. Nenhuma técnica ou conhecimento humano é capaz de garantir a excelência e a felicidade daqueles que a praticam e os professores de *erística* estão claramente mentindo ao fazer tais promessas.

⁷ Valor monetário, 1 uma mina equivalia a 100 dracmas. Ao longo dos diálogos platônicos, há algumas passagens que ironizam os valores cobrados pelos sofistas, como exemplo poderíamos citar o *Crátilo*, 384b-c que fala da diferença dos cursos dados por Pródico em relação aos preços cobrados. Vale destacar que Isócrates ganhou fama por ter sido um dos educadores que mais lucrou com sua profissão.

⁸ O termo *nous* em grego pode assumir várias significações, como pensamento, mente, inteligência, prudência, entre outros.

⁹ Aqui Isócrates cita o que parecia ser um hábito entre os educadores, a cobrança adiantada de uma parte do valor do curso, algo como um depósito. A crítica de Isócrates está baseada na aparente contradição em se afirmar capaz de transmitir, seguramente, a virtude e a justiça, e, ao mesmo tempo, acreditar que ao final do curso seus alunos possam vir a agir de maneira injusta, não cumprindo o acordo estabelecido.

¹⁰ Uma crítica muito semelhante a essa se encontra em Platão (*Gorg.*, 519c-d).

¹¹ *Eudaimonia*. Segundo o diálogo *Entidemo* de Platão (278 e), esse tipo de plenitude existencial é algo que todos os homens almejam. O argumento de Isócrates parece estar baseado na ideia de que os sofistas que professam transmitir *Eudaimonia* muitas vezes carecem da plenitude que esse termo sugere.

não as observando nas ações; e ainda, que pretendem ter conhecimento sobre o futuro,

[8] mas não são capazes de dizer ou aconselhar nada sobre assuntos necessários e atuais, notando, por fim, que é mais consistente e correto quem usa suas opiniões do que aqueles que professam possuir o conhecimento; eu penso, então, que com razão chamariam estas ocupações de conversas inúteis e insignificantes e não de cuidado da alma.¹²

[9] Não apenas estes merecem ser repreendidos, mas sim também os que se dedicam a ensinar os discursos políticos¹³, uma vez que estes não se comprometem com a verdade e consideram *arte* agregar o maior número de alunos a partir de um salário pequeno e promessas de grandes ensinamentos, retirando deles o que for possível. Eles não só são tolos como julgam que todos também são, pois, mesmo escrevendo discursos piores do que as improvisações dos homens comuns, prometem tornar todos os seus alunos em oradores, de tal modo que não deixariam escapar qualquer questão acerca cada assunto.

[10] Não atribuem, ainda, nenhuma parte dessa capacidade à experiência ou à natureza do discípulo, afirmando que conseguem transmitir o conhecimento do discurso como se ensinam as letras¹⁴, não examinando detalhadamente as diferenças entre cada um desses ensinamentos. Convencidos de que através do exagero de suas promessas serão admirados e a educação do discurso terá uma boa reputação, não pensando que quem faz as *artes* serem grandiosas não são aqueles que têm a audácia de se gabar delas, mas sim os que descobrem as suas potencialidades.

[11] Gostaria que a filosofia tivesse, realmente, tamanho poder, mais do que ter uma grande quantia de dinheiro, porque se fosse assim não estaríamos tão renegados, nem teríamos usufruído a mínima parte dela. Como não é assim que ocorre, desejo fazer cessar a fala dos que afirmam tais asneiras, uma vez que estas blasfêmias não se voltam apenas contra os que comentem esse equívoco, mas sim contra todos que se ocupam da mesma atividade.

¹² Há neste parágrafo uma importante caracterização da *imagem* que a atividade filosófica tem em Isócrates, uma vez que para ele a filosofia, considerada um cuidado com a alma, tem como principal campo de atuação as deliberações políticas. Por isso, o principal objetivo de sua educação é dar experiência deliberativa e argumentativa para que os jovens possam atuar nesse ambiente. Percebe-se neste parágrafo também a presença da oposição entre opinião (*doxa*) e conhecimento (*episteme*), discussão central em seu tempo. A crítica de Isócrates contra a supervalorização da *episteme* frente à *doxa* indica ainda a presença de Platão entre aqueles que Isócrates chama erísticos.

¹³ Em algumas passagens do *corpus* isocrático (*Antídosis*, §45-6 e *Panatenáico*, §1-2), encontramos a identificação de sua atividade como sendo a produção desses discursos políticos, *politikous logous*. A crítica nesse ponto se desenvolve a partir do método de ensino utilizado e não da técnica que se divulga, como foi no caso dos erísticos. O alvo principal é o processo de *tecnicição*, e um equívoco em relação à natureza do *logos*, da habilidade discursiva, limitando assim, para Isócrates, o seu poder criativo.

¹⁴ Vale ressaltar a não aparição do termo *rhetorike* no *corpus* isocrático na identificação de sua educação. Aqui nesse parágrafo ao invés desse termo encontramos: conhecimento do discurso (*ten ton logon epistemen*) e educação do discurso (*ten paidensis ten ton logon*). A expressão aqui traduzida como “as letras” (*ta grammata*) refere-se ao ensinamento da escrita. Isócrates pretende estabelecer um contraponto entre o caráter mecânica do aprendizado da escrita e a criatividade necessariamente envolvida na arte oratória.

[12] Espanto-me¹⁵ ao ver estes se considerarem dignos de ter discípulos, não percebendo que estabelecem como paradigma de uma prática criativa¹⁶ uma técnica com regras rígidas. E quem não sabe, exceto eles, que em relação às letras há sempre algo fixo e constante, uma vez que continuamos usando as mesmas letras para as mesmas coisas, enquanto que em relação aos discursos encontramos o contrário? Pois, o que é dito por alguém não será igualmente útil para aquele que falará depois e mais habilidoso será quem falar da maneira apropriada ao assunto em questão e for capaz de descobrir recursos diferentes dos utilizados pelos outros.¹⁷

[13] A maior prova da diferença entre ambas é a seguinte: não é possível um discurso ser considerado belo quando não possuir os sentidos de oportunidade, adequação e novidade¹⁸, enquanto que com relação às letras nenhuma destas características são necessárias. Por isso, seria mais justo que aqueles que se utilizam deste paradigma pagassem ao invés de receberem algum dinheiro, pois eles, mesmo carecendo de instrução, desejam educar outras pessoas.

[14] E se é necessário não apenas acusar os outros, mas sim também revelar meus próprios pensamentos¹⁹, acredito que todas as pessoas sensatas concordariam comigo²⁰ que muitos dos que se dedicaram à filosofia continuam tendo uma vida comum²¹, enquanto outros, mesmo não tendo convivido com os sofistas, tornaram-se habilidosos nos discursos e na política²². Uma vez que a habilidade nos discursos e em outras atividades surge nos que possuem uma boa natureza e são exercitados na prática²³.

[15] Já a educação é capaz de torná-los habilidosos e inventivos na atividade investigativa²⁴, pois os prepara a ter recursos e a captar as oportunidades quando se encontrarem, ao acaso, em algumas circunstâncias. Ainda que não consiga transformar os que possuem uma natureza inferior em bons debatedores e criadores

¹⁵ *Thaumazo*. Eis aqui um exemplo *in loco* do poder retórico utilizado por Isócrates na construção argumentativa do seu discurso. O termo *thauma*, segundo Aristóteles na *Metafísica* (982 b 12), é responsável pelo surgimento do ato de filosofar. De modo sutil ele aplica esse verbo com o intuito de enfatizar dois importantes pontos do seu discurso: 1) reafirmar o objetivo de sua escola. 2) apresentar para os ouvintes a beleza de sua eloquência. Nesse sentido, ele alia o poder reflexivo da filosofia com as técnicas retóricas que são qualidades *sine qua non* para um excelente orador. Para o filósofo britânico J.L. Austin esse tipo de recurso empregado por Isócrates pode ser considerado um “ato perlocucionário” que tem a finalidade de produzir um efeito sugestivo sobre a audiência através do ato de fala. Para mais informações vide o seguinte livro: J.L. Austin, *How to do things with words* (Oxford, 1962).

¹⁶ *Poiéticon*.

¹⁷ Aqui, Isócrates defende uma filosofia deliberativa (ou educação do discurso), entendida como atividade criativa (*poiética*). Uma de suas características principais é não estar limitada a um sistema rígido de padrões, regras e normas. Comparar com Platão *Prot.* 326d e Aristóteles *Ref. Soph.* 183b.

¹⁸ Respectivamente *kairon*, *preponos* e *kainos*, ou seja, a beleza ou a efetividade de um discurso é medida, segundo Isócrates, pela adequação ao momento e ao tema sobre o qual pretende-se atuar ou deliberar. Só assim o discurso impactará nas decisões e nas ações da *polis*. É necessário, também, ter a capacidade de apresentar o discurso como sendo algo próprio ou autêntico, explorando seu potencial criativo. A importância do senso de oportunidade aparece também em outras obras de Isócrates, como *Panegírico*, §9 e *Helena*, §11. Essa noção de efetividade também é apresentada por Aristóteles no livro VI da *Ética a Nicômaco* (1139 a) associada ao conceito de verdade. Ou seja, verdadeiro é tudo aquilo que pode ser realizado (*verum factum*) através da razão.

¹⁹ Aqui há uma mudança no texto, depois de apresentar as críticas aos seus adversários, Isócrates começa a apresentar o seu pensamento, isto é, a sua compreensão da educação filosófica e seus objetivos.

²⁰ Mais um emprego de um recurso retórico que visa produzir um efeito sugestivo sobre a audiência.

²¹ Uma vida desvinculada às decisões da *polis*.

²² Percebe-se aqui o centro da educação filosófica pensada por Isócrates, os discursos e atividade política.

²³ Aqui Isócrates apresenta dois importantes conceitos de sua pedagogia, a natureza (*physis*) e a experiência (*empeiria*), que unidos à educação (*paideia*), formam o chamado trinômio pedagógico de Isócrates.

²⁴ *Zetein*. Uma das palavras-chave para o ato de filosofar.

de discursos, esta educação pode fazer com que estes progridam, tornando-se inteligentes em diversas questões.²⁵

[16] Já que cheguei a esse ponto, desejo tratar de modo mais claro destas questões. Afirmo que obter o conhecimento dos tipos²⁶ a partir dos quais pronunciamos e compomos todos os discursos não é algo difícil, caso confiemos não nos que fazem promessas fáceis demais e sim nos que tem conhecimento sobre esta questão. Mas, escolher os tipos apropriados às questões específicas, misturando uns aos outros e organizando da maneira devida, não se equivocando com relação aos momentos oportunos, assim como, também, ornando todo o discurso com raciocínios apropriados e proferindo-o de modo melódico e com palavras ritmadas²⁷,

[17] são cuidados com os quais se deve ter atenção e são trabalho para uma alma enérgica e opinativa²⁸. Enquanto, de um lado, os alunos devem não apenas possuir uma natureza apropriada, mas também aprender os tipos de discursos e exercitá-los, os professores, por sua vez, devem ser capazes de expor com precisão estas coisas, não deixando de lado nada que possa ser ensinado. E de resto, devem se apresentar como modelos²⁹,

[18] de tal modo que os discípulos moldados por ele e capazes de imitá-lo pareçam, enquanto discursam, mais exuberantes e graciosos do que os outros. Caso todas essas condições se encontrem unidas, os que se dedicaram à filosofia alcançarão seus objetivos. Porém, se algo do que foi dito for deixado de lado, os discípulos necessariamente permanecerão inferiores neste ponto.

[19] Então, sobre os sofistas³⁰ surgidos recentemente e que ultimamente vêm atuando de maneira presunçosa, eu bem sei que, mesmo eles exagerando agora, também sucumbirão a essa minha tese. Falta tratar ainda dos que apareceram antes de nós e que tiveram a audácia de escrever as chamadas *Artes retóricas*³¹. Estes não podemos deixar de censurar também, pois eles prometem ensinar a agir nos tribunais, escolhendo as palavras mais desagradáveis, que deveriam ser empregadas por invejosos e não pelos defensores de tal educação;

[20] sendo uma prática ensinável, pode ser útil não apenas para os discursos judiciários, mas sim para todos os outros. Estes se tornaram piores do que aqueles que se dedicam às disputas verbais³², pois esses, mesmo expondo coisas de pouco

²⁵ Percebe-se, então, que na pedagogia isocrática a educação (*paideia*) tem um limite frente à *physis*. Isócrates trata dessa questão no *Antidosis*, §189-193.

²⁶ O termo utilizado aqui é *eidon*. Sobre o sentido do termo *Idea* em Isócrates, ver 'Eidos/idea in Isocrates' de Robert G. Sullivan.

²⁷ Aqui Isócrates apresenta as orientações que devem ser seguidas na criação de um discurso.

²⁸ Expressões semelhantes são utilizadas por Platão no *Górgias* (463a) para tratar dos riscos da educação retórica. Por conta disso, alguns comentaristas defendem que Platão, no citado trecho do diálogo, faz uma paródia dessa passagem do *Contra os sofistas*. Sobre isso, ver Yun Lee, p.153-56, que discute essa questão e apresenta, de um lado, comentaristas como Jebb, Thompson, Shorey, Kennedy e Eucken que defendem essa paródia, e outras mais entre os autores em questão, e, por outro lado, Dodds que não vê elementos textuais ou cronológicos que assegurem a existência dessa paródia.

²⁹ É possível reconhecer, nessa passagem, algumas características da pedagogia isocrática, ao destacar o que os alunos e professores devem realizar. Além dos já citados conceitos de *physis*, *paideia* e *empeiria*, há aqui a presença do conceito de *mimesis* dentro dessa discussão pedagógica.

³⁰ Nesse parágrafo, Isócrates apresenta uma distinção entre o grupo de educadores que ele chama de 'sofistas': por um lado estão os que atuavam no seu tempo, como Alcídamas, que também escreveu um tratado contra a sofística, e, que já podem ser considerados criticados pelos argumentos apresentados anteriormente, e por outro lado, a geração anterior, que se dedicou a escrever manuais técnicos de retórica. Com relação a esse segundo grupo, é provável que Isócrates esteja pensando em figuras como Córax, Tísias, Antífonte, Górgias, Protágoras e Trásímaco.

³¹ *Technas graptsiai*.

³² Aqui, Isócrates faz uma comparação entre os primeiros educadores citados no *Contra os sofistas*, os erísticos, e estes antigos sofistas que escreveram as *Artes retóricas*.

valor, ao ponto de que se alguém colocar em prática esse ensinamento, imediatamente se tornará pior em tudo, pelo menos professam a virtude e a prudência em seus ensinamentos, já aqueles, exortando todos aos discursos políticos, negligenciam as coisas boas que esse estudo pode acrescentar tornando-se, assim, meros professores de intriga e ganância.³³

[21] Sendo assim, os que desejarem seguir os preceitos desta filosofia, rapidamente serão mais beneficiados com relação à idoneidade do que em relação à oratória³⁴. Porém, não afirmem que sustento que a justiça possa ser ensinada! Pelo contrário, penso que de maneira alguma exista uma técnica capaz de transmitir a temperança e a justiça para aqueles que possuem uma natureza ruim em relação à virtude. Contudo, acredito que o cuidado com os discursos políticos mais do que qualquer outra coisa possa instruí-los e exercitá-los.

[22] Para que não pareça que eu apenas destruo as promessas dos outros e que trato de coisas para além do que poderia, penso que posso facilmente tornar evidente as razões pelas quais estou persuadido que as coisas são assim.³⁵

KATA TΩN ΣΟΦΙΣΤΩΝ

[1] Εἰ πάντες ἤθελον οἱ παιδεύειν ἐπιχειροῦντες ἀληθῆ λέγειν καὶ μὴ μείζους ποιῆσθαι τὰς ὑποσχέσεις ὧν ἔμελλον ἐπιτελεῖν, οὐκ ἂν κακῶς ἤκουον ὑπὸ τῶν ἰδιωτῶν· νῦν δ' οἱ τολμῶντες λίαν ἀπερισκέπτως ἀλαζονεύεσθαι πεποιήκασιν ὥστε δοκεῖν ἄμεινον βουλευέσθαι τοὺς ῥαθυμεῖν αἰρουμένους τῶν περὶ τὴν φιλοσοφίαν διατριβόντων. Τίς γὰρ οὐκ ἂν μισήσειεν ἅμα καὶ καταφρονήσειεν πρῶτον μὲν τῶν περὶ τὰς ἔριδας διατριβόντων, οἱ προσποιοῦνται μὲν τὴν ἀλήθειαν ζητεῖν, εὐθὺς δ' ἐν ἀρχῇ τῶν ἐπαγγελμάτων ψευδῆ λέγειν ἐπιχειροῦσιν;

[2] Οἶμαι γὰρ ἅπασιν εἶναι φανερόν ὅτι τὰ μέλλοντα προγιγνώσκειν οὐ τῆς ἡμετέρας φύσεώς ἐστιν, ἀλλὰ τοσοῦτον ἀπέχομεν ταύτης τῆς φρονήσεως ὥσθ' Ὅμηρος ὁ μεγίστην ἐπὶ σοφίᾳ δόξαν εἰληφώς καὶ τοὺς θεοὺς πεποίηκεν ἔστιν ὅτε βουλευομένους ὑπὲρ αὐτῶν, οὐ τὴν ἐκείνων γνώμην εἰδὼς ἀλλ' ἡμῖν ἐνδείξασθαι βουλόμενος ὅτι τοῖς ἀνθρώποις ἐν τοῦτο τῶν ἀδυνάτων ἐστίν.

[3] Οὗτοι τοίνυν εἰς τοῦτο τόλμης ἐηλύθησαν, ὥστε πειρῶνται πείθειν τοὺς νεωτέρους ὡς, ἦν αὐτοῖς πλησιάζωσιν, ἅ τε πρακτέον ἐστὶν εἴσονται καὶ διὰ ταύτης τῆς ἐπιστήμης εὐδαίμονες γενήσονται. Καὶ τηλικούτων ἀγαθῶν

³³ Crítica semelhante a feita por Aristóteles na *Retórica* I, 1, 10 1354b.

³⁴ Parágrafo importante, pois Isócrates delimita o fim principal de sua educação: mais importante do que o desenvolvimento técnico da retórica, é o desenvolvimento político e, conseqüentemente, moral. A posição de Isócrates é mais complexa do que aparenta à primeira vista. Afinal, ao mesmo tempo em que afirma trazer benefícios com relação à idoneidade (*epiikeia*) de seus alunos, nega peremptoriamente a possibilidade de virtudes como a temperança (*sophrosyne*) e a justiça (*dikaiosyne*) serem ensinadas. A chave para a resolução dessa aparente contradição encontra-se na noção de prática e exercício (*synaskoe*) apresentada na última sentença do parágrafo.

³⁵ A forma repentina como o discurso termina motivou discussões sobre o que teria acontecido aqui. Supõe-se que houve uma corrupção do texto ao longo de sua transmissão ou que o texto deveria ser complementado com exercícios práticos ou mesmo um manual técnico. Outra hipótese afirma que a complementação viria por uma transmissão oral dos ensinamentos de Isócrates. Yun Lee, p.163-179, discute essas diferentes visões e defende a interpretação de que há nessa passagem um *silêncio* proposital, isto é, um recurso retórico, didático e filosófico para atrair mais atenção.

αὐτοὺς διδασκάλους καὶ κυρίους καταστήσαντες οὐκ αἰσχύνονται τρεῖς ἢ τέτταρας μῶς ὑπὲρ τούτων αἰτοῦντες·

[4] ἀλλ' εἰ μὲν τι τῶν ἄλλων κτημάτων πολλοστοῦ μέρους τῆς ἀξίας ἐπώλουν, οὐκ ἂν ἠμφισβήτησαν ὡς οὐκ εὖ φρονοῦντες τυγχάνουσιν, σύμπασαν δὲ τὴν ἀρετὴν καὶ τὴν εὐδαιμονίαν οὕτως ὀλίγου τιμῶντες, ὡς νοῦν ἔχοντες διδάσκαλοι τῶν ἄλλων ἀξιοῦσιν γίγνεσθαι. Καὶ λέγουσι μὲν ὡς οὐδὲν δέονται χρημάτων, ἀργυρίδιον καὶ χρυσίδιον τὸν πλοῦτον ἀποκαλοῦντες, μικροῦ δὲ κέρδους ὀρεγόμενοι μόνον οὐκ ἀθανάτους ὑπισχνοῦνται τοὺς συνόντας ποιήσιν. Ὁ δὲ πάντων καταγελαστότατον, ὅτι παρὰ μὲν ὧν δεῖ λαβεῖν αὐτοὺς, τούτοις μὲν ἀπιστοῦσιν οἷς μέλλουσι τὴν δικαιοσύνην παραδώσειν, ὧν δ' οὐδεπώποτε διδάσκαλοι γεγόνασιν, παρὰ τούτοις τὰ παρὰ τῶν μαθητῶν μεσεγγυοῦνται, πρὸς μὲν τὴν ἀσφάλειαν εὖ βουλευόμενοι, τῷ δ' ἐπαγγέλματι τάναντία πράττοντες.

[6] Τοὺς μὲν γὰρ ἄλλο τι παιδεύοντας προσήκει διακριβοῦσθαι περὶ τῶν διαφερόντων· οὐδὲν γὰρ κωλύει τοὺς περὶ ἕτερα δεινοὺς γενομένους μὴ χρηστοὺς εἶναι περὶ τὰ συμβόλαια· τοὺς δὲ τὴν ἀρετὴν καὶ τὴν σωφροσύνην ἐνεργαζομένους πῶς οὐκ ἄλογόν ἐστιν μὴ τοῖς μαθηταῖς μάλιστα πιστεύειν; Οὐ γὰρ δὴ που περὶ τοὺς ἄλλους ὄντες καλοὶ κάγαθοὶ καὶ δίκαιοι περὶ τούτους ἐξαμαρτήσονται δι' οὓς τοιοῦτοι γεγόνασιν.

[7] Ἐπειδὴν οὖν τῶν ιδιωτῶν τινὲς ἅπαντα ταῦτα συλλογισάμενοι κατίδωσιν τοὺς τὴν σοφίαν διδάσκοντας καὶ τὴν εὐδαιμονίαν παραδιδόντας αὐτοὺς τε πολλῶν δεομένους καὶ τοὺς μαθητὰς μικρὸν πραττομένους, καὶ τὰς ἐναντιώσεις ἐπὶ μὲν τῶν λόγων τηροῦντας, ἐπὶ δὲ τῶν ἔργων μὴ καθορῶντας, ἔτι δὲ περὶ μὲν τῶν μελλόντων εἰδέναι προσποιουμένους,

[8] περὶ δὲ τῶν παρόντων μηδὲν τῶν δεόντων μήτ' εἰπεῖν μήτε συμβουλεῦσαι δυναμένους, ἀλλὰ μᾶλλον ὁμοιοῦντας καὶ πλείω κατορθοῦντας τοὺς ταῖς δόξαις χρωμένους ἢ τοὺς τὴν ἐπιστήμην ἔχειν ἐπαγγελλομένους εἰκότως, οἷμαι, καταφρονοῦσιν καὶ νομίζουσιν ἀδολεσχίαν καὶ μικρολογίαν ἀλλ' οὐ τῆς ψυχῆς ἐπιμέλειαν εἶναι τὰς τοιαύτας διατριβάς.

[9] Οὐ μόνον δὲ τούτοις ἀλλὰ καὶ τοῖς τοὺς πολιτικοὺς λόγους ὑπισχνουμένοις ἄξιον ἐπιτιμῆσαι· καὶ γὰρ ἐκεῖνοι τῆς μὲν ἀληθείας οὐδὲν φροντίζουσιν, ἠγοῦνται δὲ τοῦτ' εἶναι τὴν τέχνην, ἣν ὡς πλείστους τῆ μικρότητι τῶν μισθῶν καὶ τῷ μεγέθει τῶν ἐπαγγελμάτων προσαγάγωνται καὶ λαβεῖν τι παρ' αὐτῶν δυνηθῶσιν· οὕτω δ' ἀναισθητῶς αὐτοὶ τε διάκεινται καὶ τοὺς ἄλλους ἔχειν ὑπειλήφασιν ὥστε, χεῖρον γράφοντες τοὺς λόγους ἢ τῶν ιδιωτῶν τινὲς αὐτοσχεδιάζουσιν, ὅμως ὑπισχνοῦνται τοιοῦτοις ῥήτορας τοὺς συνόντας ποιήσιν ὥστε μηδὲν τῶν ἐνόητων ἐν τοῖς πράγμασιν παραλιπεῖν.

[10] καὶ ταύτης τῆς δυνάμεως οὐδὲν οὔτε ταῖς ἐμπειρίαις οὔτε τῆ φύσει τῆ τοῦ μαθητοῦ μεταδιδόασιν, ἀλλὰ φασιν ὁμοίως τὴν τῶν λόγων ἐπιστήμην ὥσπερ τὴν τῶν γραμμάτων παραδώσειν, ὡς μὲν ἔχει τούτων ἐκάτερον οὐδ' ἐξετάσαντες, οἰόμενοι δὲ διὰ τὰς ὑπερβολὰς τῶν ἐπαγγελμάτων αὐτοὶ τε θαυμασθήσεσθαι καὶ τὴν παιδείυσιν τὴν τῶν λόγων πλείονος ἀξίαν δόξαι εἶναι, κακῶς εἰδότες ὅτι μεγάλας ποιούσι τὰς τέχνας οὐχ οἱ τολμῶντες ἀλαζονεύεσθαι περὶ αὐτῶν, ἀλλ' οἷτινες ἂν, ὅσον ἔνεστιν ἐν ἐκάστη, τοῦτ' ἐξευρεῖν δυνηθῶσιν.

[11] Ἐγὼ δὲ πρὸ πολλῶν μὲν ἂν χρημάτων ἐτιμησάμην τηλικούτον δύνασθαι τὴν φιλοσοφίαν ὅσον οὔτοι λέγουσιν· ἴσως γὰρ οὐκ ἂν ἡμεῖς

πλεϊστον ἀπελείφθημεν, οὐδ' ἂν ἐλάχιστον μέρος ἀπελαύσαμεν αὐτῆς· ἐπειδὴ δ' οὐχ οὕτως ἔχει, βουλοίμην ἂν παύσασθαι τοὺς φλυαροῦντας· ὁρῶ γὰρ οὐ μόνον περὶ τοὺς ἐξαμαρτάνοντας τὰς βλασφημίας γιγνομένης, ἀλλὰ καὶ τοὺς ἄλλους ἅπαντας συνδιαβαλλομένους τοὺς περὶ τὴν αὐτὴν διατριβὴν ὄντας.

[12] Θαυμάζω δ' ὅταν ἴδω τούτους μαθητῶν ἀξιουμένους, οἱ ποιητικοῦ πράγματος τεταγμένην τέχνην παραδείγμα φέροντες λελήθασιν σφᾶς αὐτούς. Τίς γὰρ οὐκ οἶδεν πλὴν τούτων ὅτι τὸ μὲν τῶν γραμμάτων ἀκινήτως ἔχει καὶ μένει κατὰ ταῦτόν ὥστε τοῖς αὐτοῖς ἀεὶ περὶ τῶν αὐτῶν χρώμενοι διατελοῦμεν, τὸ δὲ τῶν λόγων πᾶν τοῦναντίον πέπονθεν· τὸ γὰρ ὑφ' ἐτέρου ῥηθὲν τῷ λέγοντι μετέκεινον οὐχ ὁμοίως χρήσιμόν ἐστιν, ἀλλ' οὗτος εἶναι δοκεῖ τεχνικώτατος ὅστις ἂν ἀξίως μὲν λέγῃ τῶν πραγμάτων, μηδὲν δὲ τῶν αὐτῶν τοῖς ἄλλοις εὐρίσκειν δύνηται.

[13] Μέγιστον δὲ σημεῖον τῆς ἀνομοιότητος αὐτῶν· τοὺς μὲν γὰρ λόγους οὐχ οἷόν τε καλῶς ἔχειν ἢν μὴ τῶν καιρῶν καὶ τοῦ πρεπόντως καὶ τοῦ καινῶς ἔχειν μετάσχωσιν, τοῖς δὲ γράμμασιν οὐδενὸς τούτων προσεδέησεν. Ὡσθ' οἱ χρώμενοι τοῖς τοιοῦτοις παραδείγμασιν πολὺ ἂν δικαιότερον ἀποτίνοιεν ἢ λαμβάνοιεν ἀργύριον, ὅτι πολλῆς ἐπιμελείας αὐτοὶ δεόμενοι παιδεύειν τοὺς ἄλλους ἐπιχειροῦσιν.

[14] Εἰ δὲ δεῖ μὴ μόνον κατηγορεῖν τῶν ἄλλων ἀλλὰ καὶ τὴν ἑαυτοῦ δηλῶσαι διάνοιαν, ἡγοῦμαι πάντας ἂν μοι τοὺς εὖ φρονοῦντας συνειπεῖν ὅτι πολλοὶ μὲν τῶν φιλοσοφησάντων ἰδιῶται διετέλεσαν ὄντες, ἄλλοι δὲ τινες οὐδενὶ πώποτε συγγενόμενοι τῶν σοφιστῶν καὶ λέγειν καὶ πολιτεύεσθαι δεινοὶ γεγόνασιν. Αἱ μὲν γὰρ δυνάμεις καὶ τῶν λόγων καὶ τῶν ἄλλων ἔργων ἀπάντων ἐν τοῖς εὐφυέσιν ἐγγίγνονται καὶ τοῖς περὶ τὰς ἐμπειρίας γεγυμνασμένοις·

[15] ἢ δ' ἐπαίδευσιν τοὺς μὲν τοιοῦτους τεχνικωτέρους καὶ ἰπρὸς τὸ ζητεῖν εὐπορωτέρους ἐποίησεν· οἷς γὰρ νῦν ἐντυγχάνουσι πλανώμενοι, ταῦτ' ἐξ ἐτοιμοτέρου λαμβά-νειν αὐτοὺς ἐδίδαξεν, τοὺς δ' ἐκαταδεεστέραν τὴν φύσιν ἔχοντας ἀγωνιστὰς μὲν ἀγαθοὺς ἢ λόγων ποιητὰς οὐκ ἂν ἀποτελέσειεν, αὐτοὺς δ' ἂν αὐτῶν προαγάγοι καὶ ἰπρὸς πολλὰ ἀφρονιμωτέρως διακεῖσθαι ποιήσειεν.

[16] Βούλομαι δ' ἐπειδὴ περ εἰς τοῦτο προῆλθον, ἔτι σαφέστερον εἰπεῖν περ ἰαυτῶν. Φημι ἰγὰρ ἐγὼ ὠτῶν μὲν ἰδεῶν, ἐξ ὧν τοὺς λόγους ἅπαντας καὶ λέγομεν καὶ ἰσυντίθεμεν, λαβεῖν τὴν ἐπιστήμην οὐκ εἶναι τῶν πάνυ χαλεπῶν, ἢν τις αὐτὸν παραδιδῶμι ἢ τοῖς ῥαδίως ὑπισχνουμένοις ἀλλ' ἀτοῖς εἰδόσιν τι περὶ αὐτῶν· τὸ δ' ἐτούτων ἐφ' ἐκάστῳ ὠτῶν πραγμάτων ἃς δεῖ ἵπροελέσθαι καὶ μείξασθαι πρὸς ἀλλήλας καὶ ἰτάξασθαι κατ' ἀτρόπον, ἔτι δ' ἐτῶν καιρῶν μὴ διαμαρτεῖν ἀλλ' ἀκαῖτοῖς ἐνθυμήμασι πρεπόντως ὄλον τὸν λόγον καταποικίλαι καὶ ἰτοῖς ὀνόμασιν εὐρύθμως καὶ ἰμουσικῶς εἰπεῖν,

[17] ταῦτα δ' ἐπολλῆς ἐπιμελείας δεῖσθαι καὶ ἰψυχῆς ἀνδρικῆς καὶ δοξαστικῆς ἔργον εἶναι, καὶ ἰδεῖν τὸν μὲν μαθητὴν, πρὸς τὴν φύσιν ἔχειν οἷαν χρῆ, τὰ μὲν εἶδη τῶν λόγων μαθεῖν, περὶ ἰδ' ἐτὰς χρήσεις αὐτῶν γυμνασθῆναι, τὸν δ' ἐδιδάσκαλον τὰ μὲν οὕτως ἀκριβῶς οἷόν τ' εἶναι διελεθῆν ὥστε μηδὲν τῶν διδασκῶν παραλιπεῖν, περὶ ἰδ' ἐτῶν λοιπῶν τοιοῦτον αὐτὸν παράδειγμα παρασχεῖν

[18] ὥστε τοὺς ἐκτυπωθέντας καὶ ἰμιμήσασθαι δυναμένους εὐθύς ἀνθηρότερον καὶ ἰχαριέστερον τῶν ἄλλων φαίνεσθαι λέγοντας. Καὶ ἰτούτων

μὲν ἀπάντων συμπεσόντων τελείως ἔξουσιν οἱ φιλοσοφοῦντες· καθ' ὃδ' ἂν ἔλλειψθῆτι τῶν εἰρημένων, ἀνάγκη ταύτῃ ἡγεῖρον διακεῖσθαι τοὺς πλησιάζοντας.

[19] Οἱ μὲν οὖν ἄρτι τῶν σοφιστῶν ἀναφυόμενοι καὶ ἰνεωστὶ προσπεπτωκότες ταῖς ἀλαζονείαις, εἰ καὶ ἰνῦν πλεονάζουσιν, ἐϋοῖδ' ὅτι πάντες ἐπὶ ἑαυτὴν κατενεχθήσονται τὴν ὑπόθεσιν. Λοιποῖ δ' ἡμῖν εἰσὶν οἱ ἰπρὸ ἡμῶν γενόμενοι καὶ ἰτὰς καλουμένας τέχνας γράψαι τολμήσαντες, οὓς οὐκ ἀφετέον ἀνεπιτιμήτους· οἷτινες ὑπέσχοντο δικάζεσθαι διδάξειν, ἐκλεξάμενοι τὸ δυσχερέστατον τῶν ὀνομάτων, ὁτῶν φθονούντων ἔργον ἦν λέγειν ἄλλ' οὐ τῶν προεστώτων τῆς τοιαύτης παιδείσεως, καὶ ἰταῦτα τοῦ ὑπράγματος,

[20] καθ' ὅσον ἐστὶ ἰδιδρακτὸν, οὐδὲν μᾶλλον πρὸς τοὺς δικανικοὺς λόγους ἢ πρὸς τοὺς ἄλλους ἅπαντας ὠφελεῖν δυναμένου. Τοσοῦτ' ὦδ' ἐχείρους ἐγένοντο τῶν περὶ ἰτὰς ἔριδας καλινδουμένων, ὅσον οὗτοι μὲν τοιαῦτα λογίδια διεξιόντες οἷς, ἐῖτις ἐπὶ τῶν πράξεων ἐμμείνειεν, εὐθύς ἂν ἐν πᾶσιν εἶη κακοῖς, ὁμῶς ἀρετὴν ἐπηγγείλαντο καὶ ἰσωφροσύνην περὶ ἑαυτῶν, ἐκεῖνοι δ' ἐπὶ τοὺς πολιτικοὺς λόγους παρακαλοῦντες, ἀμελήσαντες τῶν ἄλλων τῶν προσόντων αὐτοῖς ἀγαθῶν πολυπραγμοσύνης καὶ ἰπλεονεξίας ὑπέστησαν εἶναι διδάσκαλοι.

[21] Καίτοι τοὺς βουλομένους πειθαρχεῖν τοῖς ὑπὸ τῆς φιλοσοφίας ταύτης προσταττομένοις πολὺ ἂν θᾶττον πρὸς ἐπιείκειαν ἢ πρὸς ῥητορείαν ὠφελήσειεν. Καὶ ἰμῆδεις οἰέσθω με λέγειν ὡς ἔστιν δικαιοσύνη διδρακτὸν· ὅλωσ μὲν γὰρ οὐδεμίαν ἡγοῦμαι τοιαύτην εἶναι τέχνην, ἥτις τοῖς κακῶς πεφυκόσιν πρὸς ἀρετὴν ἰσωφροσύνην ἂν καὶ ἰδικαιοσύνην ἐμποιήσειεν· οὐ μὴν ἄλλ' ἂν συμπαρακελεύσασθαι γέ καὶ ἰσυνασκήσαι μάλιστα· ἂν οἷμαι τὴν τῶν λόγων τῶν πολιτικῶν ἐπιμέλειαν.

[22] Ἴνα δ' ἐμὴ ἡδοκ' ὠτὰς μὲν τῶν ἄλλων ὑποσχέσεις διαλύειν, αὐτὸς δ' ἐμείζω λέγειν τῶν ἐνότων, ἐξ ὧν περὶ αὐτὸς ἐπέισθην οὕτω ταῦτ' ἔχειν, ῥαδίως οἷμαι καὶ ἰτοῖς ἄλλοις φανερόν καταστήσειν.

Referências

- ARISTOTLE. 1926. *Nicomachean Ethics*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 73. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- ARISTOTLE. 1926. *Art of Rhetoric*. Translated by J. H. Freese. Loeb Classical Library 193. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- AUSTIN, J. L. 1962. *How to Do Things With Words: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955*. Edited by J. O. Urmson. Oxford: Clarendon.
- BAILLY, Anatole. 2000. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette.
- CHANTRAINE, Pierre. 1990. *Dictionnaire étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 2 v.
- COULTER, James A. 1967. "Phaedrus 279a: The Praise of Isocrates". In: *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 8: 225-36.
- DE VRIES, G. J. 1953. 'Isocrates' Reaction to the *Phaedrus*'. In: *Mnemosyne* IV, 6, 39-45.
- GERNET, Louis. 1982. *Anthropologie de la Grèce Antique*. Paris: Flammarion.

- GOMPERZ, T. 1949. *Greek Thinkers, a History of Ancient Philosophy*. Translated by Laurie Magnus. London: John Murray.
- HOMERO. 2003. *Ilíada*. Tradução Haroldo de Campos. Introdução e organização Trajano Viera. 2 v. (bilíngue). São Paulo: Arx.
- HOOK, Van. 1918. "Alcidamas *versus* Isocrates: The Spoken *Versus* Written Word". In: *The Classical Weekly* 12, 89-94.
- HOWLAND, R.L. 'The Attack on Isocrates in the *Phaedrus*.' In: *The Classical Quarterly* (1937), 31, 151-9.
- ISÓCRATES. 1945. *Complete works*. Translated by LaRue Van Hook. The Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- ISÓCRATES. 2002. *Discursos*. Tradução de Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos.
- ISÓCRATES. 1996. *Opere di Isocrate*. Tradução de Mario Marzi. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese.
- JOHNSON, R. 1959. "Isocrates Methods of Teaching". In: *American Journal of Philology* 80 (1), 25-36.
- LIDDELL and SCOTT. 2001. *Greek-English Lexicon*. 7. ed. Nova Iorque: Oxford.
- MCCOY, Marina. 2009. "Alcidamas, Isocrates, and Plato on Speech, Writing, and Philosophical Rhetoric". In: *Ancient Philosophy* 29, 45-66.
- PAPILLION, Terry. 1995. "Isocrates Techne and Rhetorical Pedagogy". In: *Rhetoric Society Quarterly* 25: 149-63.
- PLATO. 1969. *Works in 12 volumes*. The Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- POULAKOS, T.; Depew, D. (eds.). 2004. *Isocrates and Civic Education*. Austin: University of Texas Press.
- POULAKOS, Takis. 2008. *Speaking for the Polis: Isocrates' Rhetorical Education*. Columbia, South Carolina: University of South Carolina Press.
- SCHIAPPA, Edward. 1990. 'Did Plato coin *Rhêtorikê*?' In: *American Journal of Philology* ,111, 460-73.
- SCHIAPPA, Edward. 1999. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven, CT: Yale University Press.
- TOO, Yun Lee. 1995. *The Rhetoric of Identity in Isocrates: Text, Power, Pedagogy*. New York: University of Cambridge.